

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E  
COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA  
PORTUGUESA E LITERATURA

VAGNER LUIZ DA FONSECA

DISCURSO E REDES DIGITAIS DE COMUNICAÇÃO: REFLEXÃO E  
ENSINO

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2020

VAGNER LUIZ DA FONSECA

DISCURSO E REDES DIGITAIS DE COMUNICAÇÃO: REFLEXÃO E  
ENSINO

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura.” - Orientadora: Profa. Dra. Maria de Lourdes Rossi Remenche

CURITIBA – PR

2020

# TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



**Discurso e redes digitais de comunicação: reflexão e ensino**

por

**VAGNER LUIZ DA FONSECA**

Esta monografia foi apresentada às 17:20 do 14 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Osasco - SP, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

MARIA DE LOURDES ROSSI REMENCHE

Ana Paula Pinheiro da Silveira

Nivea Rohling

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:  
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/D157D23C>

DEDICATÓRIA  
*A Deus e ao livre-arbítrio*



## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de poder encontrar suficientes palavras para agradecer a todos aqueles que, de diferentes maneiras, contribuíram para que este trabalho chegasse à finalização, e acompanharam minha caminhada até este momento.

Agradeço aos meus pais, José Antônio da Fonseca e Maria de Lourdes da Fonseca, pelo maior presente que poderiam me dar: a vida.

Aos professores e tutores do curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura.

De modo especial à amiga Elizabete Barros de Sousa Lima por contribuir com a revisão do texto. Pelo carinho e pela paciência de sempre, e por me motivarem a seguir em frente.

São muitos os amigos que gostaria de mencionar, entretanto os chamarei amigos. Eles se reconhecerão nestas palavras e se lembrarão de minhas ausências e dos esforços que fizeram para estar comigo. A vocês minha eterna gratidão.

A Luiz Fellipe pela dedicação, compreensão e carinho. Por me deixar na companhia dos textos que me possibilitaram esta escrita.

De modo especial, a minha orientadora, Professora Dr<sup>a</sup> Maria de Lourdes Rossi Remenche, pelo acolhimento da proposta, pelas sugestões de leitura, pelo acompanhamento sereno e humano no transcórre da pesquisa e pelo equilíbrio das orientações.

## RESUMO

FONSECA, Vagner Luiz da. IDEOLOGIA E DISCURSO EM COMENTÁRIOS E POSTAGENS EM REDES SOCIAIS. 2020. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

Esta pesquisa apresenta uma análise de comentários *on-line* produzidos a partir de uma publicação na página "Quebrando o tabu", do *facebook*, no dia 03 de abril de 2020, em que no contexto da pandemia da Covid-19, entram em cena figuras emblemáticas do cenário político brasileiro relacionadas à figura, do então presidente da República. O estudo apresenta como base teórica os conceitos da Análise de Discurso de linha francesa, baseados nas pesquisas de Michel Pêcheux (1995) e Eni Puccinelli Orlandi (1999, 2007, 2011, 2012 e 2015), bem como nas contribuições de Rüdiger (2013), no que diz respeito as teorias da cibercultura. Discute-se como os sujeitos interpelados, pelo conteúdo da postagem e da notícia de jornal utilizada para ilustrá-la, são levados a produzir comentários em que expressam valores ideológicos de inversão e distorção da realidade, posicionamento político e disputa de classes. A análise desses textos (comentários *on-line*) busca explicitar como a identificação ideológica dos sujeitos (comentaristas) vão sendo expostas, por meio do discurso produzido em redes sociais digitais de comunicação, como é o caso do *facebook*.

**Palavras-chave:** Discurso. Ideologia. Redes Sociais Digitais. Cibercultura.

## ABSTRACT

This research presents an analysis of online comments produced from a publication on the Facebook page "Quebrando o Tabu", on April 3, 2020, that in the context of the Covid-19 pandemic and emblematic figures of Brazilian political scene, directly related to the President of the Republic. The study presents as a theoretical basis the concepts of Discourse Analysis of French line, based on the research of Michel Pêcheux (1995) and Eni Puccinelli Orlandi (1999, 2007, 2011, 2012 and 2015), as well as on the contributions of Rüdiger (2013), with regards to cyberculture theories. It discusses how the interpellated subjects, for the content of the post and the newspaper news used to illustrate it, are taken to produce comments that express ideological values of inversion an distortion of reality, political positioning and class struggles. These texts analysis (online comments) seeks on make explicit how the ideological identification of the subjects (commentators) is being exposed, through the produced discourse on digital social communication networks, like facebook.

**Keywords:** Discourse. Ideology. Digital Social Networks. Cyberculture.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	9
2.1 Linguagem e interação do sujeito com o meio social.....	9
2.2 O discurso como prática social.....	12
2.3 - A ideologia nas práticas discursivas na cibercultura.....	17
2.4 A produção do discurso nas redes sociais .....	24
3 METODOLOGIA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
REFERÊNCIAS .....	42

## 1 INTRODUÇÃO

No século passado, os principais veículos de comunicação, a saber o jornal impresso, o rádio, a televisão foram os detentores do poder hegemônico de comunicar para as massas. Ainda que, nas décadas de oitenta e noventa do século XX, o acesso à televisão fosse um privilégio para os moradores das grandes cidades, o consumo desse bem foi aumentando em quantidade considerável em quase todos os rincões do Brasil.

Nas regiões em que o acesso e a posse do aparelho de televisão foram mais demorados, o rádio há muito já desempenhava o papel, posteriormente, ocupado pela TV e, posteriormente, quase completamente substituído por ela. No começo deste século a televisão havia adentrado todos os espaços sociais do país, inclusive os mais longínquos e menos favorecidos, como o sertão, a aldeia indígena e as favelas.

Indubitavelmente, esses veículos tiveram maior alcance que o jornal impresso, considerando que este nem sempre atingia os mais humildes, seja pela escassez de dinheiro para comprá-lo, seja pela impossibilidade de lê-lo devido aos altos índices de analfabetismo que ainda hoje assolam este país. São inúmeros os brasileiros e brasileiras que, por causa disso, ainda não leem e, embora sejam ouvintes e espectadores, muito pouco, ou nada, conseguem expressar suas opiniões, com a habilidade daqueles que escrevem manifestando suas opiniões, revelando seus pontos de vista e contestando pontos de vista alheios.

Em abril de 1984, temendo os efeitos do movimento pró-Diretas, que vinha se fortalecendo desde o ano anterior, o governo de Figueredo tratou de proibir as emissoras de rádio e televisão que transmitissem ao vivo de Brasília, ao mesmo tempo que passou a controlar todo o conteúdo que seria veiculado. Todos os conteúdos que seriam divulgados pela imprensa deveriam passar pelo do Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) Leonelli e Oliveira (2004). Anos mais tarde, o Brasil vivia novo cenário de crise política. Escândalos envolvendo Fernando Collor de Melo, presidente à época, levaram-no ao impeachment em 1992. Mesmo diante de todos os problemas que rondavam o governo, Collor parecia ter se estabilizado Sallum Jr. e Casarões (2011), seu impedimento acabou sendo uma surpresa para muitos, dentre as

causas do impeachment, segundo Sallum Jr. e Casarões (2011, p.179) foi "a ausência de tentativas de silenciar a imprensa".

Tais cenários demonstram como os veículos de comunicação de massa são fundamentais nos processos decisórios de uma sociedade. Controlados ou não, sempre haverá o que escape, mesmo o descontrole pode levar a situações inimagináveis. Este novo século potencializa esses cenários. Basta observar como as tecnologias digitais evoluíram. A internet tem impulsionado dia após dia o surgimento de novas mídias digitais de comunicação, verdadeiros espaços onde ecoam vozes de todos os cantos, de todos os estratos sociais, até dos mais vulneráveis.

Essas novas mídias, ou seja, estes "suportes materiais, canais físicos, nos quais as linguagens se corporificam e através do qual transitam" (SANTAELLA, 2003, p.25) tem se constituído, cada vez mais, como espaços de reprodução dos discursos disseminados por grandes veículos de comunicação de massa. A estratégia mais utilizada nas redes digitais é o compartilhamento, em uma postagem é possível reproduzir conteúdo, dos modos mais diversificados. São fotos, vídeos, links, áudios, dentre outros, que circulam numa velocidade jamais vista antes.

Essas reflexões evidenciam como as mídias, sejam analógicas ou digitais, têm contribuído para mudanças em vários setores da sociedade, principalmente na política nacional. Na contemporaneidade, destaca-se a quantidade de *fake news* publicadas em sites de finalidades escusas e que foram postadas e compartilhadas em todas as redes sociais digitais de comunicação, gerando comportamentos sociais, mobilizando a opinião pública, inclusive levantando graves hipóteses de como essas notícias falsas teriam influenciado o último processo de escolha eleitoral de 2018.

Se com o jornal, o rádio, a televisão as possibilidades de interação eram limitadas, com as novas mídias ocorre o inverso. Incontestavelmente, esses espaços midiáticos, esses novos territórios de comunicação, tem dado abertura para que cada vez mais, os sujeitos possam se posicionar. Isso tem ocorrido constantemente, na maioria das vezes, de forma fragmentada.

Considerando essas questões, esta pesquisa tem por objetivo interpretar e analisar o discurso produzido a partir de postagens no *facebook*, bem como elucidar como os comentários *online* assumem caráter político-ideológicos, identificando efeitos de sentido e produção de falseamentos que impactam o ambiente social e geram reações, por meio de inversão da realidade, identificação política e disputa de classes.

Nesse sentido, este trabalho é considerado de caráter qualitativo-interpretativista, por preocupar-se em analisar, compreender e interpretar os processos de construção de discurso ideológico, com base no senso comum, que conforme Minayo (2011, p.222), “é o chão dos estudos qualitativos. Ancorada dos estudos de Rüdiger (2013) sobre cibercultura e nos trabalhos de Pêcheaux (1995) e Orlandi (2007) em que discutem noções de língua, discurso, o sujeito de discurso e ideologia, como corpus de pesquisa foram selecionados comentários *online* motivados por uma postagem da página Quebrando o Tabu no *facebook*, em que aparece o link de uma notícia que traz informações sobre personagens emblemáticos do cenário político brasileiro.

Os discursos são fragmentados, manipulados, descontextualizados, de modo a produzir a rápida adesão pelos sujeitos do senso comum, para que estes venham a posicionar-se, quase sempre, munidos de uma sensação de estarem falando a verdade e em causa dela. As redes sociais digitais de modo democrático têm sido não apenas o espaço de reprodução de discursos, mas também o de validação deles. São espaços onde de tudo se fala, também onde todos falam.

O presente trabalho está organizado, conforme a sequência apresentada: a) introdução, em que se expõe de modo geral como o trabalho está pensado, b) fundamentação teórica em que são discutidos os conceitos teóricos e filosóficos que embasam as discussões do trabalho, c) metodologia em que se apresenta o corpus selecionado para a análise e como foi feito o recorte, d) as discussões e análises propriamente ditas, por meio das observações das nuances contidas no corpus da pesquisa, e) considerações finais, em que são expostos os pontos principais a que se chegou a análise e f) referências.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Linguagem e interação do sujeito com o meio social**

Os sujeitos, em seus percursos de vida, interagem com diferentes sujeitos, seu entorno social, político, econômico, religioso, ou seja, conforme seu ambiente cultural, desenvolvem práticas sociais para se comunicar e agir no mundo. Assim, os sujeitos se desenvolvem, cada qual, no bojo de sua cultura, marcados fortemente por tudo aquilo

que a constituiu um dia e por tudo o que faz dela no presente. (AGUSTINI; ARAÚJO; LEITE, 2015).

A linguística trazida por Benveniste está alicerçada em um trinômio relacional, que consiste em língua, cultura e personalidade. Para o linguista naturalizado francês, a "linguagem é definitiva do homem" (p.118). Nessa concepção, "o homem não é separado da linguagem; é a linguagem que possibilitou que transpusessemos o limiar do estágio hominal, por isso única é a condição do homem na linguagem" (AGUSTINI; ARAÚJO; LEITE, 2015, p.118).

A respeito da concepção de língua, discutido por Benveniste, em *Problemas de Linguística Geral*, Agustini, Araújo e Leite (2015) apontam que

deve ser compreendido em sua perspectiva saussuriana e, por isso, em seu funcionamento paradoxal como sistema de signos linguísticos e como princípio de classificação. Aquela conceituação refere-se ao plano semiótico que abarca o princípio de constituição e funcionamento da língua, cuja imutabilidade é a sua característica definitiva por natureza. Essa característica coloca em evidência o fato de que o homem não é senhor da língua. Ele a herda e, por isso, está submetido à sua ordem (p.118).

Nessa reflexão, o conceito de língua, conforme o princípio de classificação, refere-se à inclinação humana em simbolizar, pois “a linguagem se realiza em uma língua, com estrutura definida e particular” (BENVENISTE [1963] 1995, p. 31, apud (AGUSTINI; ARAÚJO; LEITE, 2015, p. 118). E ainda seguem observando que:

Por isso, a linguagem re-produz o mundo, mas submetendo-o à sua própria organização (BENVENISTE [1963] 1995, p. 26) e a ‘forma’ do pensamento é configurada pela estrutura da língua. Uma consequência importante da posição benvenistiana reside no fato de que a linguagem é o elemento humano que permite a vida em sociedade e que, por contraste, permite ao homem reconhecer-se como indivíduo (AGUSTINI; ARAÚJO; LEITE, 2015, p. 118).

Embasados na teoria benvenistiana, Agustini, Araújo e Leite, (2015) argumentam que no bojo da linguagem encontram-se o meio e o lugar, em que acontece a interação entre vida mental e cultural. Desse modo discorrem que "o homem também não é senhor dos sentidos daquilo que diz ao (se) enunciar. A língua e o semantismo social são os responsáveis diretos pela possibilidade de haver algo de correferenciação e, portanto, de comunicação, de troca (AGUSTINI; ARAÚJO; LEITE, 2015, p.118).

A respeito linguagem é importante frisar que, “não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras”, destaca (GNERRE, 2003, p.5). Para o autor uma das funções centrais da linguagem é a de comunicar aos ouvintes as posições ocupadas por determinado



falante, ou mesmo as que este falante acha que ocupa no meio social a que pertence, ou seja, seu meio cultural, sendo assim:

a linguagem também possibilita os processos de transmissibilidade de uma cultura, de maneira que o simbolismo linguístico assume função basilar e faz com que a formalização do pensamento (re)construa sempre possibilidades outras, tendo em vista a língua-sistema (AGUSTINI; ARAÚJO; LEITE, 2015, p.119).

Se é no bojo de uma cultura que o sujeito se desenvolve, ou seja, nos processos de inter-relação, não só com pessoas, mas com textos variados, com o ambiente de modo geral, ou seja, a partir do universo que circunda determinado indivíduo, cabe o olhar sobre o outro. A vida em sociedade carece sempre do olhar direcionado ao outro, seja ele da nossa família, um vizinho, alguém do bairro, um desconhecido no meio do caminho em direção ao trabalho, as pessoas com as quais mantemos algum tipo de proximidade, ou não.

Uma palavra africana, "*Ubuntu*", presente nas línguas zulu e xhosa, chama a atenção para essa necessidade, aparentemente, tão distante da sociedade capitalista. Joelza Domingues (2015) relata que a palavra *ubuntu* é oriunda de um provérbio xhosa: "*Umuntu Ngumuntu Ngabantu*", que segundo ela significa 'Uma pessoa é uma pessoa por causa das outras pessoas'. A palavra *ubuntu*, por sua vez, significa "eu sou porque nós somos". Conforme as teorias acima e esse conhecimento da cultura africana, vale salientar a importância do outro para os distintos usos da linguagem, pois é a partir do outro que isso se torna possível.

## 2.2 O discurso como prática social

O ser humano sempre está buscando modos de comunicar as suas ideias, os seus sentimentos, seus desejos, seja por meio da fala, das artes, dos símbolos, códigos, etc. Segundo Maurizio Gnerre, "as pessoas falam para serem 'ouvidas', às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos" (GNERRE, 2003, p. 5). Para exemplificar, o autor cita Pierre Bourdieu, para quem "o poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico (BOURDIEU, 1977, apud GNERRE, 2003, p. 5).

No espaço de uso da palavra como instrumento de poder do falante é que se pode apontar para o discurso, uma vez que o discurso marca, ou estabelece, as relações de poder. A língua, na perspectiva de Michel Pêcheux é um instrumento para o processo de produção do discurso, ou seja, é a “base linguística em relação às representações colocadas em jogo nas relações sociais (PÊCHEUX, 2011, p.74). De acordo com o autor, a partir disso torna-se possível compreender os motivos pelos quais formações ideológicas distintas “podem se constituir sobre uma única base (resposta ao problema: uma só língua/várias culturas)” (PÊCHEUX, 2011, p.74).

Desse modo, pode-se compreender que diferentes contextos de uma determinada sociedade, no âmbito de uma mesma língua, no bojo de uma mesma cultura, produzem variados discursos, distintos em suas intencionalidades. Considerando esses pontos de reflexão é que chegamos ao sujeito do discurso. Conforme Grigoletto (2005), este desloca consigo traços sociais, ideológicos, históricos e imagina ser a fonte do sentido. Segundo a autora, a teoria do discurso ocupa-se da ilusão do sujeito como origem, por meio dos quais se dão os processos discursivos, expondo que, tanto a linguagem, como o sentido não são transparentes”.

Em seu livro *Introdução à análise de discurso*, Brandão (2004) aponta para a problemática nos estudos linguísticos colocada a partir da oposição entre língua e fala que, segundo ela acabou impondo uma linguística da língua. Conforme aponta a autora, em decorrência disso, os estudiosos começam a procurar “uma compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas num nível situado fora desse pólo da dicotomia saussuriana. E essa instância é o discurso" (BRANDÃO, 2004, P.11), o qual é produzido com base em uma mesma língua, sem embargo em diferentes segmentos da sociedade, com diferentes fins, conforme apresentado no começo deste parágrafo. A autora postula também que:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso e interação, é um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Ela e o "sistema-suporte das representações ideológicas [...] e o 'medium' social em que se articulam e defrontam agentes coletivos e se consubstanciam relações interindividuais (Braga, 1980). (BRANDÃO, 2004, P.11).

Dessa relação da linguagem como produção social, espaço em que se manifestam as ideologias encontra-se o discurso, que se constitui como “ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos” (BRANDÃO,

2004, P.11). Sendo assim, é importante compreender o discurso dentro do contexto sócio-histórico em que ele é produzido. Entender a conjuntura, os fatores que propiciam a produção do discurso devem ser levados em consideração, pois:

A posição epistemológica da análise do discurso conduz, então, a pensar a existência da língua não como um sistema (o software de um órgão mental) mas como um real específico formando o espaço contraditório do desdobramento das discursividades (PÊCHEUX 2011, pp.151-152, apud ORLANDI, 2013, p.23).

A discursividade pode ser entendida como o processo pelo qual se dá a produção de sentidos. Assim, deve-se considerar a relação entre os locutores, bem como a produção de sentidos presente nessa relação. Com isso é possível compreender que os discursos se estruturam por meio das relações sócio-históricas, culturais e, principalmente, ideológicas, presentes nos atos de fala, ou seja, no ato comunicativo entre esses interlocutores. A esse respeito, Orlandi (2013, p.24) defende que "a materialidade do discurso é língua". Para a autora, no campo da produção dos discursos, é mais importante pensar o indivíduo (sujeito individuado) como político-social e não psicobiológico (ORLANDI, 2013, p. 24).

Mediante todas as noções apresentadas anteriormente, é preciso elucidar de forma mais didática o que seria o discurso, palavra que em sentido etimológico sugere movimento, carrega em si a noção de curso, de percurso. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando" (ORLANDI, 2012, p. 15). Nesse sentido, pode-se compreender o discurso como uma forma de mediação "entre o homem e a realidade natural e social". Para Orlandi é o discurso que possibilita a permanência e a continuidade, bem como o deslocamento e as transformações tanto do homem quanto da realidade em que vive. A pesquisadora afirma que o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2012, p. 15).

Essas relações evidenciam que é por meio das práticas discursivas que o homem é conduzido, ou conduz, em conformidade com os contextos em que vive, as condições históricas, sociais, culturais, econômicas, religiosas, os ambientes em que transita, as formas como compreende e ao mesmo tempo elabora o mundo em que vive, ou melhor, seu entorno, considerando neste ínterim os movimentos que empreende para transformar de algum modo a realidade na qual está inserido.

Outro ponto significativo a ser elencado é o das práticas sociais. É por meio da cultura, na qual todo e qualquer ser humano está inserido, que os sujeitos se integram a

um determinado grupo social. Isso possibilita a existência de práticas que agregam os homens, não apenas entre si, mas também com o ambiente. Essas práticas podem ser de diversas naturezas dentro de determinado contexto social, como, por exemplo, linguística, religiosa, política, de identidade, de costumes e tradições, todas elas, geralmente, permeadas por discursos que na maioria das vezes se sobrepõe à vontade do outro. Marilena Chauí em seu livro "O que é ideologia" expõe que "a cultura representa as relações dos homens com a Natureza pelo desejo, pelo trabalho e pela linguagem, as instituições sociais, o Estado, a religião, a arte, a ciência, a filosofia" (CHAUÍ, 2008, p.36).

Embasado nessas observações, pode-se dizer que é no seio da cultura que essas práticas sociais ganham relevância e visibilidade. De acordo com Chauí, o conjunto das práticas sociais, materiais ou espirituais fazem com que os indivíduos existam como "senhores contraditórios". Para a autora, isso faz deles pertencentes a uma classe social, ou seja, "participantes de formas diferenciadas de existência social, determinadas pelas relações econômicas de produção, pelas instituições sociopolíticas e pelas ideias ou representações (CHAUÍ, 2008. p.72).

No contexto apontado por Marilena Chauí, pode-se dizer que, constantemente, os discursos que permeiam as práticas sociais podem representar diferentes hierarquias dentro de uma determinada cultura ou sociedade. Levando em consideração as relações de poder, determinados discursos podem intencionar distintas situações como forma de deslegitimar, anular ou suprimir outros discursos que não convergem com propostas e práticas semelhantes as suas, gerando muitas vezes espaços de disputa de poder.

Chauí (2008) argumenta que não há senhor sem a existência de escravos. A sociedade capitalista contemporânea sempre apresenta sujeitos, que de modo sutil, buscam maneiras de ocupar esse lugar de dominação outrora ocupado pelos senhores de escravos. Evidentemente, a escravidão no mundo contemporâneo assume outras facetas. Ocorre de forma mais velada, quase sempre marcada pela alienação social, promovida culturalmente pelas classes dominantes. Por sua vez, estas, vez ou outra, se veem confrontados por movimentos das classes exploradas, que de algum modo se liberam das amarras da alienação.

Para Chauí (2008) é por meio da luta de classes que a ideologia se torna possível, mais notadamente quando há a dominação de uma classe sobre outras. Segundo a autora, o que faz da ideologia uma força quase indestrutível "é o fato de que

a dominação real é justamente aquilo que a ideologia tem por finalidade ocultar. (CHAUI, 2008, p.80). Na visão da filósofa, a ideologia:

nasce para fazer com que os homens creiam que suas vidas são o que são em decorrência da ação de certas entidades (a Natureza, os deuses ou Deus, a Razão ou a Ciência, a Sociedade, o Estado), que existem em si e por si e às quais é legítimo e legal que se submetam. Ora, como a experiência vivida imediata e a alienação confirmam tais idéias, a ideologia simplesmente cristaliza em 'verdades' a visão invertida do real. Seu papel é fazer com que no lugar dos dominantes apareçam idéias 'verdadeiras'. Seu papel é o de fazer com que os homens creiam que tais idéias representam efetivamente a realidade. E, enfim, também é seu papel fazer com que os homens creiam que essas idéias são autônomas (não dependem de ninguém) e representam realidades autônomas (não foram feitas por ninguém) (CHAUI, 2008, p.80).

Sendo a ideologia um fenômeno de disputa entre classes, pode-se observar que é no conjunto das práticas dessas classes onde ela mais se manifesta. Sendo assim, é nesse contexto que os sujeitos em suas relações dão materialidade às ideologias.

os “objetos” ideológicos são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a “maneira de se servir deles” – seu “sentido”, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe aos quais eles servem-, o que se pode comentar dizendo que as ideologias práticas são práticas de classes (de luta de classes) na Ideologia. Isso equivale a dizer que não há, na luta ideológica (bem como nas outras formas de luta de classes), “posições de classe” que existam de modo abstrato e que sejam então aplicadas aos diferentes “objetos” ideológicos regionais das situações concretas, na Escola, na Família, etc. (PÊCHEUX, 1995, p. 146).

Com isso, percebe-se que discursos dominantes regem as práticas sociais. Talvez o mais representativo desses discursos seja o religioso, aparentemente mais visível, embora o discurso dominante da economia nos sistemas capitalistas invada todos os âmbitos de dada esfera social. Independente da esfera, o discurso está impregnado de ideologia. Observando-se essas questões, pode-se dizer que “os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua e o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido” (Brandão, 2004. p. 42).

A autora explica que, nessa direção, o processo discursivo está intrinsecamente ligado à produção de sentido, então, o discurso torna-se o espaço de onde as significações emergem. Assim, essas significações dão sentido à materialidade do discurso. Segundo (Brandão, 2004, p. 46), o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, um dos aspectos materiais da "existência material" das ideologias.

Em seu artigo "Linguagem e ideologia: embates teóricos", Renata Silva percorre estudos de diversos autores que teorizaram sobre essa relação. Ela aponta que Althusser "concebe a ideologia como o imaginário que intermedeia a relação das pessoas com

suas condições de existência (SILVA, 2009, p. 159). Ainda sobre o pensamento de Althusser, discorre que no campo da produção econômica, devido à ideologia, os sujeitos acreditam-se livres e em condições de ascender da hierarquia social, entretanto esses sujeitos não percebem que "o sistema capitalista os conduz a ocupar uma determinada função nas relações de produção (ou de exploração) ALTHUSSER (1985), (apud, SILVA, 2009, p. 159).

A autora ainda destaca outro ponto importante do pensamento althussseriano, o de que para ele “só há prática através de e sob uma ideologia”; “Só há ideologia pelo sujeito e para o sujeito”, e conclui “a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” ALTHUSSER (1985), (apud, SILVA, 2009, pp. 159-160). De acordo com Silva (2009), o filósofo postula que o processo de interpelação ideológica produz duas evidências: a do sujeito e a do sentido, conforme exposto no fragmento a seguir:

Segue-se que, tanto para vocês como para mim, a categoria de sujeito é uma “evidência” primeira (as evidências são sempre primeiras): está claro que vocês, como eu, somos sujeitos (livres, morais, etc.). Como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra “designa uma coisa” ou “possua um significado”(portanto inclusive as evidências da “transparência” da linguagem), a evidência de que você e eu somos sujeitos - e até aí não há problemas - é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar. (ALTHUSSER, [1969] 1985, p. 94, apud SILVA 2009, p.160).

A pesquisadora destaca que na perspectiva de Althusser, a ideologia produz evidências de formas suscintas, o que faz com que ela seja imperceptível para o sujeito, mesmo que estes se encontrem “sob efeito do ‘reconhecimento ideológico’, e ainda, a “ideologia faz com que os sujeitos reconheçam-se como ‘concretos, individuais, inconfundíveis, e (obviamente) insubstituíveis’ (ALTHUSSER, [1969] 1985, p. 94, apud SILVA 2009, p.160). Sendo assim, conforme tal concepção, os sujeitos não se dão conta “do processo de interpelação ao qual estão submetidos” (SILVA 2009, p.160).

Com base na tese das evidências, propostas por Althusser, a autora argumenta que a ideologia acaba intervindo não apenas na representação do sujeito mediante suas condições sociais, como também nas imagens que estes sujeitos têm a partir das formulações linguísticas, sejam elas produzidas ou recebidas (Silva, 2009). Para ela, Althusser “preconiza que os discursos não são imunes à ideologia: ela sempre os determina e determina a todos, inclusive aqueles que pretendem ser objetivos, tais como os discursos científicos” (SILVA, 2009. Pp. 160-161).

### 2.3 ideologia nas práticas discursivas na cibercultura

O conceito de rede está relacionado com sistemas de comunicação que, de acordo com Vermelho, Velho e Bertoncello, (2015, p.867), "ao invés de aprisionar, o sentido é o de 'possibilitar o movimento de'". Sendo assim, discorrem que o termo rede apresenta significados ambíguos, uma vez que indica tanto o sentido de aprisionar, como o de libertar, que para eles consiste na contradição no conceito de rede.

Se, por um lado, ele permite colocar em contato entes localizados em locais distintos, uma vez que a rede possibilita estabelecer "relações entre dois pontos", definição que está associada a estrutura de comunicação e transporte, por outro lado, o conceito também permite que seja utilizado em contextos nos quais o que está posto é a limitação de movimentos e, portanto, a não comunicação. (VERMELHO, VELHO, BERTONCELLO, 2015, p.867).

Estes autores continuam buscando um significado mais abrangente de rede, fazendo um recorrido de ideias a partir da história humana e da importância do termo relacionada a temas específicos até chegar na problemática da conceituação de redes sociais digitais, numa tentativa de compreender essas redes segundo sua "natureza social e cognitiva" (VERMELHO, VELHO, BERTONCELLO, 2015, p.873) para estes autores, de maneira muito mais vinculada ao âmbito social, bem como as perspectivas componentes de tal prática social.

Valendo-se das contradições do termo rede e de estruturas sociais hierarquizantes, os autores chamam atenção para um diferencial das redes sociais, o fato de nos espaços sociais digitais poder haver uma reordenação das relações até mesmo no que tange à questão da hierarquia. Para eles, "em geral, nos espaços reais, as relações sociais se organizam a partir de uma hierarquia (chefe-funcionário, pai-filho etc), e nas RSD essa hierarquia não existe. (VERMELHO, VELHO, BERTONCELLO, 2015, p.875)

No século XX, os meios de comunicação em massa revolucionaram os modos de vida no mundo inteiro, o telefone, o rádio e a televisão são alguns exemplos disso. As pessoas puderam ter e manter contato com outras realidades que não as suas, por intermédio dessas tecnologias. Com isso o modo de vida também foi se modificando. Com a criação e o avanço das tecnologias digitais da informação e comunicação – TDIC, a realidade da vida social modificou-se ainda mais. Essas mudanças tornaram-

se, fortemente, perceptíveis no final do século passado como indica Castells: "as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. (CASTELLS, 1999, p. 40). A internet tem causado transformações significativas no campo da comunicação humana, mas não apenas isso, tem transformado ainda mais as formas das relações entre os sujeitos, conforme aponta Manuel Castells

No final do segundo milênio da Era Cristã, vários acontecimentos de importância histórica transformaram o cenário social da vida humana. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a economia, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável. (CASTELLS, 1999, p. 39)

Castells (1999) registra que as novas tecnologias da informação causaram um boom e nos mais variados modos de aplicações e usos, bem como o avanço de inovações tecnológicas acelerando as transformações das tecnologias e tornando suas fontes cada vez mais diversificadas. As redes digitais de comunicação têm marcado, de forma constante, a vida humana, as relações tem se tornado cada vez mais virtuais. Amigos se comunicam por meio destes recursos, pessoas encontram relacionamentos por meio de aplicativos, o mundo tem se tornado mais virtual que presencial. As pessoas tem se identificado cada vez mais com essas possibilidades de interação. Nos grandes centros urbanos, certamente, as pessoas se veem liberadas de diversas obrigações no que se refere a estar presente, pois hoje em dia é possível realizar, por exemplo, videochamadas a partir de distintas redes digitais de comunicação.

Castells observa que “as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais” (CASTELLS, 1999, p. 57). *Twitter, whatsapp, facebook, instagram, telegram*, dentre outros, têm ganhado cada vez mais a identificação das pessoas.

Em seu texto introdutório ao livro “As Teorias da Cibercultura: perspectivas, questões e autores” Rüdiger (2013) aponta que em meados da década de 90, a internet se popularizou, tornando-se plataforma comunicacional de uso cotidiano. Conforme o estudioso, "tão relevante quanto sua apropriação ordinária, foi a exploração publicística e mercadológica que, dessa época em diante, de dentro e de fora do meio, a formatou para a sociedade" (RÜDIGER, 2013, p.7). De acordo com o pesquisador, é nesse contexto que se dá o aparecimento da cibercultura. Conforme seu ponto de vista:



a cibercultura pode ser entendida como uma formação histórica de cunho prático e cotidiano, cujas linhas de força e rápida expansão, baseadas nas redes telemáticas, estão criando, em pouco tempo, não apenas um mundo próprio, mas, também, um campo de interrogação intelectual pujante, dividido em várias tendências de interpretação (RÜDIGER, 2013, p.7).

Para entender melhor o tema, Rüdiger explica que as mudanças de paradigmas, a partir de meados do século passado, trazidas pelo desenvolvimento de tecnologias que possibilitaram a criação de máquinas informáticas, capazes de processar dados e desenvolver redes, propiciaram o aparecimento da expressão cibercultura. Para o autor, a "Cibercultura é a expressão que serve à consciência mais ilustrada para designar o conjunto dos fenômenos cotidianos agenciado ou promovido com o progresso das telemáticas e seus maquinismos" (RÜDIGER, 2013, p.11).

O mundo da cibercultura se expande cada vez mais devido à grande quantidade de usuários. Nesse novo espaço "social", vale observar o espaço ocupado pelos sujeitos. Esses espaços ampliaram as relações entre as pessoas, os processos de comunicação e suas possibilidades, com isso cada vez mais as pessoas falam de si, dos outros, do mundo, dos mais diversos assuntos. As redes tornaram o mundo, de certo modo, mais acessível. Considerando esse contexto, Rüdiger (2013) explica que a ideia de cibercultura está relacionada sobremaneira com as transformações dos novos mecanismos de informação em instrumentos de uso rotineiro, tanto por pessoas como por instituições. O pesquisador chama a atenção para o aparecimento do termo cibercultura, que ele atribui a criação à engenheira, informata e empresária estadunidense Alice Hilton, fundadora do Instituto de Pesquisas Ciber Culturais em 1964. Segundo o autor:

Hilton foi, com efeito, pioneira ao usar a expressão com o sentido enfático, referindo-se com ela a uma exigência ética da nova era da automação e das máquinas inteligentes. A revolução que esta põe em marcha, inevitável, crê a autora, coloca à sociedade um desafio ético de escala universal (RÜDIGER, 2013, p.8).

Esse desafio proposto por Hilton coloca a humanidade frente à situação de escolha, de mudança de paradigma; expõe os seres humanos à necessidade ética de ter de optar pelo caminho que se deve percorrer; coloca para as pessoas, grosso modo, uma urgência de discernimento mediante o contexto da cibercultura. Para ela, "a humanidade está agora posta na situação de ter de escolher entre a educação emancipatória e o lazer criativos, de um lado, e a adaptação mecânica e a idiotia apática, de outro" (HILTON, 1964, p. 143, apud RÜDIGER 2013, p.8).

Em seu texto, Rüdiger cita Pierre Lévy (1999), para o qual a cibercultura representa um conjunto de técnicas, tanto materiais, como espirituais, cujas práticas, atitudes, modos de pensamento e os valores passam a se desenvolver concomitantemente ao progresso do ciberespaço. Este, na perspectiva de Rüdiger, trata-se de um efeito da cibercultura, que para o autor, "pode ser entendida como o cultivo do mundo, nós incluídos, em termos cibernéticos" (RÜDIGER, 2013, p.10). O autor argumenta de modo mais afinado, que seria possível definir a cibercultura, como "formação histórica, ao mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação" (RÜDIGER, 2013, p.11).

Em ambientes como o *facebook*, por exemplo, as pessoas, ao se identificarem positiva, ou negativamente com alguma coisa, se deixam conduzir por situações as mais variadas. Estes ambientes estão repletos de discursos e ideologias. Isso pode indicar que essas redes tem conseguido cada vez mais mobilizar as pessoas, agrupá-las em torno de seus interesses, de crenças com as quais se identificam e, ou propósitos. É possível observar nesses espaços virtuais a quantidade de pessoas presentes e a forma com que todos, de alguma maneira, se esforçam para dizer alguma coisa, para compartilhar determinadas informações, para disseminar suas ideias. Nesse sentido da expansão tecnológica, Rüdiger argumenta que os aparelhos digitais interativos

se convertem em bens de consumo de massas, estão configuradas as bases para a expansão de uma cibercultura, da colonização do ciberespaço pelos esquemas e práticas de uma indústria cultural que, desde quase um século, vinha se convertendo em princípio sistêmico de formação do nosso mundo social e histórico (RÜDIGER, 2013, p.11).

Rüdiger, argumenta também que a cibercultura revela e chega a articular para o homem simples "as circunstâncias históricas mais abrangentes que vão surgindo em seu mundo com a progressiva informatização da era maquinística surgida naquela época" (RÜDIGER, 2013, p.12). Sendo assim, é possível perceber, com a evolução e variedade dos aparelhos tecnológicos, a criação de uma multiplicidade de ferramentas. Estes recursos propiciam a comunicação, que no bojo da cibercultura, gera a possibilidade de fala em todas as camadas sociais. "A interação engendrada pelas redes sociais digitais marca uma nova possibilidade de relacionamentos, diminuindo as distâncias entre os interlocutores, potencializando cada ator e, conseqüentemente, contribuindo para um processo comunicacional mais horizontalizado" (GONÇALVES; SILVA, 2014, p. 85-86).

No mundo grego, o espaço da fala "comunitária" era a ágora, uma espécie de praça. A Ágora ou praça central era o espaço onde se reuniam os cidadãos para discutir a vida política e decidir sobre as ações a serem tomadas. (Vainfas, 2010). No entanto, não era o lugar da fala comum, da fala de todos. Não era o lugar onde as pessoas falavam o que queriam, esbravejavam sua fúria, suas sentimentalidades, frustrações, conquistas, preferências etc. A ágora grega era o espaço dos privilegiados. Os homens mais importantes é que decidiam na ágora os rumos da política, da economia, da vida social, dentre outros. As mulheres, os escravos, pessoas das camadas inferiores não tinham vez nesse espaço.

As atividades humanas constitutivas do *bios politikós* eram a ação (*praxis*) e o discurso (*logos*). Quem vive na polis deve possuir a disposição discursiva do *logos*, do homem (cidadão) que fala e discorre pela palavra como instrumento de persuasão que se dirige a outrem em pé de igualdade, com o objetivo de buscar um entendimento geral no espaço público da ágora e da *ekklesia*. Entre iguais, a disputa (*polemos*) ocorre pelo diálogo, pelo convencimento por meio do discurso como forma superior do relacionamento entre os cidadãos. O modo político de decidir exclui a violência, pois o convencimento pela palavra é feito por argumentos produzidos por uma razão dialógica (RAMOS, 2014, p.68).

O autor ainda destaca com uma citação dos estudos de Arendt (1981), que a ágora era para os gregos o lugar da persuasão. O trato era polido, próprio da vida social na polis.

Para os gregos [observa Arendt] forçar alguém mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da polis característicos do lar e da vida em família, na qual o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos, ou da vida nos impérios bárbaros da Ásia, cujo despotismo era frequentemente comparado à organização familiar (ARENDR, 1981, pp. 35-36, apud RAMOS, 2014, p. 68).

Note-se que a ágora era o espaço político dos gregos, da reunião, da assembleia, o lugar de fala desses homens, portanto o lugar o *logos*, do discurso, que de acordo com Aristóteles:

O discurso só é possível pela mediação do homem como ser político, e a maneira mais adequada para analisar a dimensão do *logos* discursivo é, propriamente, uma forma específica de conhecimento político, o qual é definido como a ciência suprema ou arquitetônica por excelência, pois ela "utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer" (ARISTÓTELES, 1973, I, 1, 1094 b, 5, apud RAMOS, 2014, p. 67).

Em seu artigo "O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea", Ricardo Viana Velloso apresenta uma leitura do ciberespaço, aproximando-o da noção da ágora grega. O autor chama a atenção para o fato de que:

o ciberespaço como ambiente das ações e interações dos sujeitos sociais organizados, sob a percepção de que as redes que se compõem na sociedade não reinventam, na sua essência, os movimentos sociais, mas certamente lhes conferem outras dimensões culturais, sustentadas pela diversidade e amplitude das conexões ensejadas pelas tecnologias da informação e da comunicação, determinantes para a instauração da (ciber)cultura contemporânea. (VELLOSO, 2008, p. 103).

Em seu estudo, Velloso (2008) propõe uma observação de duas dimensões importantes das interações humanas, a esfera privada e a pública. O autor relaciona a primeira às necessidades humanas relacionadas à vida biológica e a segunda, como sendo um lugar em que as iterações extrapolam a condição natural, nesse sentido há uma busca "efetiva de visibilidade". Com base nessa observação, talvez seja correto afirmar que o ciberespaço se configura como esse espaço "social", em que as pessoas, antes de tudo, se expõem, para de certo modo atingir visibilidade.

O autor discorre que o espaço virtual ganha notoriedade, pois mesmo interligado a outros territórios e temporalidades, apresenta celeridade na veiculação das informações em rede. Para ele:

O espaço virtual [...] destaca-se pela celeridade das informações hipertextuais, dispostas em rede, as quais possibilitam leituras mais imediatistas pela associação da expressão verbal a imagens e sons entre outros; mas ensinam também leituras extensivas, caminhos alternativos para o leitor que, valendo-se dos nós na rede hipertextual não-linear, vê-se co-autor, em um exercício autônomo de produção de sentido da malha textual. Em muitas situações, as temporalidades são também redimensionadas por atualizações contínuas e quase simultâneas aos fatos, às notícias, aos múltiplos registros na Internet (VELLOSO, 2008, p. 106).

Com base nessas informações, pode-se considerar o universo da cibercultura, como o espaço em que os sujeitos, na contemporaneidade, encontraram para poder falar publicamente, para interagir, para expressar suas angústias e anseios, considerando a interação entre os mecanismos de comunicação digital e as condutas sociais, a partir deles. Thomas Helvey esclarece que a cibercultura “visa, em essência, definir e identificar os vários canais de interação e sua densidade informacional em relação aos efeitos de feedback e às integrações cibernéticas resultantes da conduta social humana” (HELVEY, 1971, p. 149, apud RÜDIGER, 2013, p.10).

Hodiernamente, a maioria das pessoas possui algum recurso tecnológico para se comunicar, com acesso à internet. Isso, por sua vez, abre o espaço acessível das redes digitais de comunicação. Neste novo espaço "da fala", há uma diversidade infinita de sujeitos falando ao mesmo tempo. É também nestes contextos que as pessoas que se

identificam aos mais distintos tipos de discursos se somam. Por este ângulo, Velloso assinala que:

O ambiente instaurado enseja a retomada de antigas interações e mobilizações de atores e grupos sociais agora com novos contornos temporais e territoriais, à medida que as informações (e as trocas) se dão com maior volume e celeridade, além de prescindirem de contornos territoriais físicos. Desse processo, emerge, de forma alternada, a sucessão de ações locais e globais, compondo, dentre outros, o movimento contemporâneo da cibermilitância, que se dá no bojo das organizações em rede (VELLOSO, 2008, p).

Considerando que as redes digitais de comunicação agrupam as pessoas, que interagem entre si, ou seja, com a comunidade local e, de certa forma, com o mundo, observa-se no estudo de Rüdiger (2013), que as novas mídias digitais viabilizam de forma ativa a interação social. Segundo ele, isso acontece como em via de mão dupla "entre os seres humanos, ao ensejar o aparecimento de redes sociotécnicas participativas que transcendem a sua pura e simples interligação social, como ocorria na esfera da velha mídia" (RÜDIGER, 2013, p. 13-14).

Retomando Chauí (2008), que propõe que a ideologia é uma forma de inverter a realidade, e Orlandi (2015), para quem todo discurso é ideológico, ou seja, a autora desconsidera a possibilidade de discursos neutros, torna-se cabível apontar que os ambientes da cibercultura, o ciberespaço, têm passado a despontar com uma força descomunal e como ambientes propícios para a ocultação do real. Vale ressaltar que, quanto mais pessoas falam, expressam suas vontades, seus pensamentos, tanto mais aparecerão grupos que buscam atrair, em torno de si, aqueles que, com pouca ou nenhuma capacidade de reflexão, se deixam levar por aparências e discursos. Lembrando Rüdiger (2013), na cibercultura, as ferramentas de interação digital fazem parte do cotidiano dos homens comuns. Estes, por sua vez, em grande maioria e por múltiplas razões, constituem o rol dos sujeitos que se deixam guiar por tendências ideológicas.

## **2.4 A produção do discurso nas redes sociais**

Manuel Castells (1999) diz que a internet é elástica e suscetível a impulsionar vertentes opostas existentes em nosso mundo. Para o autor, a internet não é nem utopia

nem distopia, mas uma possibilidade de "expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa realidade (CASTELLS, 2003, p. 75). Para o autor, a criação da internet fortalece a noção de que tanto a cooperação, quanto a possibilidade de liberdade no que se refere à informação possam ser mais favoráveis "à inovação do que a competição e os direitos de propriedade" (p.75).

Vermelho, Velho e Bertonecello (2015) apontam para o fato de que a geração de internet criou novas possibilidades, fomentando seu uso de forma coletiva e aberta. Com isso, qualquer pessoa com pouco conhecimento de informática pode inserir, criar, curar, distribuir e retirar conteúdo da rede. Esse uso social sem passar por níveis hierárquicos é que marca um novo momento, que ficou conhecido como a Web 2.0. Vinculado a tudo isso, vale apontar para o que argumenta Rüdiger (2013). De acordo com ele, a tecnologia presente nos aparelhos tem coordenado, mediado e agenciado, não apenas as atividades da casa, mas também tem movimentado as relações, as conexões, dos sujeitos com a civilização do planeta, ou seja, conforme o autor:

os negócios, comunicações, pesquisas, lazeres e atividades profissionais, para não falar das relações de poder e dos laços de afetividade, passam agora todos por ele e, assim, formam uma rede de trocas e ações cujo sentido dominante, todavia, não é técnico, mas de ordem social, espiritual e histórica (RÜDIGER, 2013, p. 14-15).

Com base nesses apontamentos, cabe reforçar, no âmbito do debate, o fato de que a crescente dessas tecnologias da comunicação tem posto cada vez mais em evidência as redes sociais digitais, como instrumentos de uso cotidiano, "como forma de expressão e de ação política, ainda que, muitas vezes, desorganizada" (GONÇALVES; SILVA, 2014, p. 85). Recuero (2009) argumenta que as redes constituem: "o conjunto de atores e suas conexões, um sistema de comunicação pela internet que conecta uma rede de pessoas, em uma proposta de compartilhamento, troca de informações e agregação de afinidades" (apud GONÇALVES; SILVA, p.85).

Ainda que as redes sociais digitais não sejam mais novidade, o que elas provocam é que trazem à tona situações novas, ou mesmo a reprodução de antigas situações sob nova perspectiva, geralmente com muito mais abrangência do ponto de vista de que, o que está veiculados nas redes sociais alcança em grande parte um maior número de pessoas. Na seção anterior, foi mencionado o fato de que as redes sociais digitais representam um espaço como o da ágora grega, com uma nova roupagem, dessa vez o mais democrática possível, agora, o espaço em que todos falam. Gonçalves e

Silva (2014) apresentam essas redes como o espaço em que o usuário se mostra, se manifesta, produz e compartilha informações segundo seus interesses. De acordo com eles, os usuários

podem atuar politicamente, criar óbices a comportamentos abusivos e exigir postura ética de diferentes organizações e instituições sociais. Todavia, é de ressaltar que a liberação total da tomada da palavra, a disseminação de dados e informações e o leviano engajamento podem engendrar conflitos de informação, de natureza cultural, étnica, de gênero e de religião, entre outras (GONÇALVES; SILVA, p.85).

Considerando-se este contexto comunicacional como um aspecto relevante da cibercultura, vale dialogar com Rüdiger (2013) para quem, o que forma a cibercultura são elementos oriundos de distintos estratos históricos,

em que intervêm projetos políticos, interesses econômicos, doutrinas militares e pesquisa científica, mas, também, os profetismos religioso e secular, as utopias sociais, a sensibilidade estética e, mais genericamente, a nossa capacidade de imaginação, veiculada pela literatura e pelas artes mas, sobretudo, pelas práticas da indústria cultural (RÜDIGER, 20013, p.15).

Ou seja, o usuário que, para Gonçalves e Silva (2014), pode atuar politicamente ou que pode engajar-se de forma leviana, valendo-se das redes sociais digitais, se o faz, é porque está impregnado das características que formam as categorias hierárquicas históricas a que pertence. Nesse sentido pode manifestar-se para a defesa daquilo que acredita, ainda que sua crença, voluntária ou involuntariamente, esteja impregnada da intenção de distorção do real, no intuito de preservar alguma coisa ou aquilo que lhe é caro. Para estes usuários, as redes sociais digitais são instrumentos poderosos, quando se tem por objetivos manipular o que for, principalmente, o discurso. Grigoletto (2005) aponta que para a Análise de Discurso, não existe discurso sem sujeito, bem como inexistente sujeito sem ideologia. A partir de seu ponto de vista, o sujeito é sempre afetado pelo inconsciente, assim como é interpelado pela ideologia.

Portanto, as redes sociais digitais são o espaço em que a fala é direito de todos e, também, espaço de encontro entre pessoas cuja origem é marcada pela diferença dos estratos culturais, econômicos, sociais, históricos, étnicos, etc. Essas mesmas redes são o espaço tanto de produção, como de veiculação dos discursos ideológicos, logo um espaço que pode revelar, e revela grande quantidade de conflitos gerados pelos processos discursivos. De acordo com Pêchaux (1995. p.92) "todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes", logo, as redes sociais digitais têm se tornado palco da disputa ideológica dessas classes.

No contexto da Análise de discurso, Grigoletto (2005) aponta que o sujeito não é fonte do sentido, porém é formado pelo trabalho de rede de memória, movido por diferentes formações discursivas, que representam, dentro do discurso, distintas posições-sujeito, resultantes de contradições, dispersões, descontinuidades, lacunas, que, segundo a autora, são pré-construídos e aparecem no discurso. Seguindo o pensamento da autora, encontra-se que, o lugar ocupado pelo sujeito na sociedade é determinante do/no seu dizer, entretanto quando se identifica com algum saber, o sujeito se insere em uma formação discursiva, deixando de ocupar o lugar de sujeito empírico e ocupando o de sujeito do discurso. “O sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso” (ORLANDI, 1999, p. 17). Com base nos estudos de Orlandi (1999), Grigoletto (2005) pondera que, o sujeito, quando passa para a ordem do discursivo, é tomado na qualidade de posição.

### **3 METODOLOGIA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Esta pesquisa procura identificar como são reproduzidos os discursos em forma de comentários *on-line* em mídias sociais digitais de comunicação. O trabalho se dá por meio da seleção de comentários, gerados a partir de uma postagem na página “Quebrando o tabu”, no *facebook*, que marcam determinados posicionamentos dos comentaristas de forma ideológica quanto à inversão ou distorção da realidade, a posição política, e ainda, em relação à disputa de classes. Optou-se por uma postagem na página mencionada, do dia 03/04/2020, que traz, ao final, um *link* para a reportagem publicada no jornal Folha de São Paulo no dia anterior ao da postagem (02/04) escrita pela repórter Katna Baran, correspondente do jornal em Curitiba.

Os comentários escolhidos para a análise são produzidos a partir da publicação, anteriormente mencionada e problematiza sobre o cenário político brasileiro, em crise, durante os primeiros meses da pandemia da COVID-19. Para tal, foram escolhidos os primeiros comentários que apareciam em sequência à época em que foi realizada a pesquisa. A postagem, da página Quebrando o Tabu, comenta o conteúdo da notícia: “Mulher de Moro defende Mandetta e diz que, entre ciência e achismo, fica com a



ciência”. O conteúdo da postagem, ancorado na notícia, despertou o interesse do público, pois discute posições de figuras emblemáticas e controversas, em relação ao atual Governo Federal, a saber o ex-ministro da justiça Sérgio Moro, Rosângela Moro, sua esposa, que manifestou apoio ao, na época, ministro da saúde, hoje, o ex-ministro Luiz Henrique Mandetta, como é possível observar na figura 1.

**Figura 1 – Print da postagem na página Quebrando o tabu no facebook.**



Como já dito, a postagem indaga sobre prováveis abalos políticos no âmbito do governo federal. O post reproduz trechos da reportagem da Folha de São Paulo, em que a mulher do ex-ministro Moro publicou, no *instagram*, frases em apoio às medidas de combatem ao vírus da COVID-19, implementadas por Mandetta.

No fragmento da notícia a respeito do posicionamento de Rosângela Moro ao ministro da saúde daquela época, se poder ler: “Entre ciência e achismos, eu fico com a ciência. Se você chega doente em um médico, se tem uma doença rara, você não quer ouvir um técnico? In Mandetta I trust”, escreveu Rosangela Moro na publicação.’ Pouco depois, ela apagou o post. (post Quebrando o Tabu)

A postagem continua a polemizar o conteúdo da notícia, ao dizer que, logo depois, Sérgio Moro teria voltado a defender as medidas de isolamento propostas por

Mandetta e que contrariavam veementemente a postura do presidente da república, para quem, em aparições e entrevistas, já teria deixado claro que a economia do país é mais importante e que a COVID-19 estava sendo tratada com exageros. Ao final, a postagem provoca com a seguinte observação: "Parece que o presidente perdeu mais um apoio." (post Quebrando o Tabu)

De acordo com Barton e Lee (2015, p. 22) *apud* Guilherme; Remenche e Rohling, (2019, p. 38), “comentar é um ato importante de se posicionar e posicionar os outros”. Embasados nessa afirmação, as autoras ressaltam que os comentários online são motivados por razões variadas. "Uma notícia sobre um assunto que é de domínio da pessoa e, por consequência, de interesse dela, pode fomentar o desejo pela interação" (GUILHERME; REMENCHE; ROHLING, 2019, p. 38). Elas reforçam essa questão, apontando que em outras situações, "narrativas que defendem posicionamentos políticos e ideológicos contrárias as suas, por exemplo, podem igualmente fazer com que o usuário se sinta compelido a se posicionar, tecendo valorações sobre o assunto (GUILHERME; REMENCHE; ROHLING, 2019, p. 39).

Com base nessas ações/reações materializadas no *facebook*, este trabalho busca averiguar como se dão as relações entre os interlocutores/comentaristas nessa rede social digital, ambiente propício à produção de discursos, à disseminação de discursos já existentes e à manipulação de determinados discursos ideológicos.

Schons e Mittmann (2009) propõem que trabalhar com o discurso, no campo da Análise de discurso, significa procurar entender o processo de entrelaçamento entre materialidade histórica e materialidade linguística, procurando anular os efeitos provocados pelo próprio processo. Nesse sentido consideram que:

os efeitos de linearidade, univocidade, continuidade e transparência da língua e da história - do discurso, portanto - só podem ser desfeitos a partir de uma perspectiva que considere a exterioridade como constitutiva, isto é, que não busque separar o dentro/fora do discurso. Nessa ausência de fronteira, não há separação entre a língua, o sujeito e a história (SCHONS E MITTMANN, 2009, p. 295).

Para esta pesquisa, este entrançado entre língua, sujeito e história, pode-se dizer que se trata do ponto de partida para análise do corpus escolhido, uma vez que a tentativa é a de empreender a análise, também pelo viés histórico. Para Ferreira (2010) a interface do discurso com o materialismo histórico possui trajetória consolidada. Para a autora, a noção de história é uma das noções que fundam e constituem o espaço discursivo. Conforme aponta, a história interfere tanto na língua, como no processo de constituição dos sentidos. Dessa forma, "a exterioridade não tem a objetividade

empírica daquilo que está fora da linguagem, já que ela é constitutiva do próprio trabalho dos sentidos atuando em determinados textos, enquanto discursos (FERREIRA, 2010, p. 3).

Conforme Schons e Mittmann (2009), há uma dupla materialidade que compõe o discurso e sustenta a memória, a da língua, enquanto estrutura e a da história, enquanto acontecimento. Essa dupla materialidade, na perspectiva das autoras, revela a incompletude, "os sentidos marginais: não há um sentido central, mas trabalho, em que a resistência, o opaco, o impreciso e o indefinido formam o avesso da estrutura" (p.295). Para elas, o trabalho com o político/simbólico "é a movimentação na/da história, a autotransformação, no que diz respeito à relação entre a materialidade da história e a da língua, relação em que o sujeito é concebido como suporte e efeito necessário (SCHONS E MITTMANN, 2009. p. 295).

Maria Cristina Leandro Ferreira, em seu artigo "Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso", coloca o sujeito do discurso, como aquele que se situa no imbricamento, ou seja, na confluência entre linguagem, inconsciente e ideologia. Para Orlandi (2011), a ideologia e o inconsciente se encontram materialmente ligados, na análise de discurso. Em seu ponto de vista:

interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia, traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique. O efeito é o da evidência do sentido (o sentido-lá), e a impressão do sujeito como origem do que diz. Efeitos que trabalham, ambos, a ilusão de transparência da linguagem (ORLANDI, 2011, p. 28).

Embora seja muito tênue a separação do sujeito empírico/pragmático, em relação ao sujeito do discurso, Orlandi (2011) afirma que, na análise do discurso, fica abandonada a noção psicológica de sujeito, aquele que coincide empiricamente consigo mesmo.

Para a análise de discurso, na concepção de Orlandi (2011), o sujeito acessa, apenas, parte daquilo que diz. Segundo a autora: "Ele é estruturalmente dividido, desde sua constituição. A falta o constitui. Ou, como diz Pêcheux (1975), é preciso que ele se despossua para possuir (linguagem) (ORLANDI, 2011, p. 28). Ela argumenta que "na Análise de Discurso, esse desdobramento é parte da falta, da divisão. Nela, o desdobramento não é compensação, é necessidade da falta. Ele não soma, mantém a incompletude (p.28). Com base nessas afirmações, a autora concebe o sujeito, no âmbito discursivo, "como 'posição' entre outras" (p.28).

Em um estudo anterior, Orlandi (1999) aponta que a ideologia opera pelo equívoco, estruturando-se por efeito do modo da contradição. De acordo com a autora, não é por meio de conteúdo que a ideologia afeta o sujeito, não obstante é "na estrutura mesma pela qual o sujeito (e o sentido) funciona" (ORLANDI, 1999, p.23). Nesse sentido, a estudiosa aponta para o "funcionamento da figura da interpretação ideológica no processo de constituição do sujeito", ressalta (ZOPPI-FONTANA, 2001, p.22).

A autora aponta para dois movimentos desse processo de interpelação ideológica, segundo a concepção de Orlandi (1999). O primeiro trata da interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, uma forma de assujeitamento. Nesse sentido:

em qualquer época, mesmo que modulada de maneiras diferentes, é o passo para que o indivíduo afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, se subjetive. Ou seja, se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na história (ORLANDI, 1999, 24-25, apud ZOPPI-FONTANA, 2001, p.22).

Na concepção de Orlandi é impossível que haja sentido, ou sujeito, sem que haja submissão do sujeito à língua, condição que permite ao sujeito subjetivar-se. O segundo movimento apontado por (ZOPPI-FONTANA, 2001), conforme os estudos de Orlandi (1999), diz respeito ao momento teórico, em que,

o estabelecimento (e transformação) do estatuto do sujeito corresponde ao estabelecimento (e à transformação) das formas de individualização de sujeito em relação ao Estado. Em um novo movimento em relação aos processos identitários de subjetivação, agora é o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, que individualiza a forma sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação. [...] Uma vez interpelado pela ideologia em sujeito, em um processo simbólico, o indivíduo, agora enquanto sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual(izada) concreta (ORLANDI, 1999, 24-25, apud ZOPPI-FONTANA, 2001, p.22).

Dadas as condições de constituição do sujeito, tanto o do discurso, como o do inconsciente, é preciso considerar suas proximidades avançando nesse campo. Ao considerar o discurso como produção de sentido entre locutores, Orlandi (2007, p. 144) aponta para a relação da linguagem com a informatização. Para ela,

isso produz um deslocamento importante na noção de "autoria". Porque há necessariamente uma re-significação da memória que, pela informatização, é tornada visível ou armazenável, se assim podemos dizer, ou em outras palavras, representada (ORLANDI, 2007, p.144).

Desse modo a autora argumenta que, com a informatização, a escrita passa a apresentar-se despida de exterioridade, assim a autoria estaria deslocando-se "de um sujeito histórico para um sujeito técnico" (p.144). Sob o ponto de vista de uma nova conjuntura, essa escrita passa ser mais valorizada, propõe Orlandi (2007). Nessa conjuntura encontra-se espaço para as relações entre ideologia e inconsciente. Sendo

assim, Orlandi define essa relação como solidária, ou seja, para ela "a ideologia é solidária da noção de inconsciente. Se mais não fosse, pela natureza do sujeito do discurso, que é um sujeito afetado pelo inconsciente" (ORLANDI, 2007, p.145). Aqui Orlandi admite o limite tênue entre o sujeito do discurso e o sujeito do inconsciente, ao aceitar que aquele é afetado por esse. Mas estabelece essa relação necessária, preocupada em não reduzir a ideologia ao inconsciente. Conforme argumenta:

Isso implica em compreender a língua como sistema, mas não como sistema abstrato: a língua como ordem significante que se inscreve na história para fazer sentido. E implica também em considerar o sujeito discursivo enquanto sujeito histórico. Ou seja, sujeito e sentido são constituídos pela ordem significante na história. E o mecanismo de sua constituição é ideológico (ORLANDI, 2007, p.145).

Com base nessa discussão, Orlandi argumenta que ficam mais claros os modos de relação entre "sujeito, sentido, língua, história e ideologia" (p.145). A partir daqui a autora passa a designar a noção de ideologia atrelada ao processo histórico-discursivo, "portanto enquanto linguagem. Essa forma de defini-la torna mais acessíveis os modos de sua existência" (ORLANDI, 2007, p. 145-146). Para a autora, essa concepção de ideologia facilita ao analista de discurso compreender a questão do equívoco, que segundo ela:

há sempre interpretação e faz parte da ilusão imaginária do sujeito acreditar ser a origem do sentido, projetando-se sobre a literariedade e imaginando que só alguns sentidos são sujeitos à interpretação. Os outros seriam evidentes, naturais à própria língua (ORLANDI, 2007, p.146).

Aclarada a problemática do imbricamento entre as noções de sujeito do discurso, sujeito histórico e sujeito inconsciente, por meio dos pontos aceitáveis de constituição dos mesmos face à noção de ideologia, passa-se à discussão do problema dessa pesquisa, centrado no caráter interpretativista sobre os discursos ideológicos nas mídias sociais digitais.

Desde a eleição presidencial de 2014, em que Dilma Roussef venceu, nas urnas, seu opositor Aécio Neves, o Brasil passou a desencadear uma série de crises, no âmbito da esfera política, que acabam impactando em outras esferas da sociedade. O candidato derrotado já havia iniciado durante sua campanha um discurso no sentido de tornar impossível o mandato da concorrente caso fosse eleita.

Pouco tempo depois das eleições, o jornalista Guilherme Oliveira escreve, no senado notícias, a seguinte reportagem: *Aécio Neves promete oposição incansável e intransigente* (Fonte: Agência Senado - 05/11/2014). A partir do resultado das eleições

de 2014, parece ter havido uma série de coincidências que minaram o governo da Presidenta eleita Dilma Rousseff que culminou com a abertura do processo de *impeachment* no dia 11 de abril de 2016 e no seu impedimento e afastamento definitivo em 31 de agosto do mesmo ano.

O conturbado cenário político-econômico gerado, a partir da eleição da ex-Presidenta Dilma em 2014, agravou-se com o impedimento. Conforme o previsto, o então vice-presidente, à época, assumiu a governança do país. Isso acentuou ainda mais a crise. Escândalos de corrupção explodiram no âmbito da política nacional. O então presidente apareceu envolvido em diversos esquemas que puseram de vez, em cheque, a moral dos políticos brasileiros.

O país foi ficando cada vez mais polarizado. A população acalorada, em busca de saídas que jamais conseguiu, de fato, vislumbrar, agitou a sociedade em todos os seus âmbitos, menos no ético. Tudo isso gerou o resultado das últimas eleições em 2018, em que, o candidato eleito furtou-se ao debate, elegendo-se apoiado em um discurso de salvador da pátria, e conforme especulam as grandes empresas de comunicação de massa do país, fortalecido por massiva divulgação de *fake news*, em redes sociais digitais.

O atual presidente da república mantém no governo um clima de constantes crises. Em menos de dois anos de mandato promoveu um rodízio de ministros, inclusive os mais ferrenhos de seus apoiadores, Abram Weintrub (ex-ministro da educação) acabou destituído do cargo. O contexto sociopolítico-econômico-cultural abalado por sucessivas crises, iniciadas antes mesmo da eleição de Dilma Rousseff em 2014, tem sido afetado diuturnamente por discursos variados que acabam prolongando no país uma sensação de desconforto e de instabilidade.

As redes sociais digitais assumiram nesse contexto o papel fundamental de palco, em que todos podem atuar, ao mesmo tempo em que são observados por múltiplos olhares. Nesse sentido essas redes tem configurado espaços em que todos falam. Os espaços virtuais de interação possibilitam a manifestação de posicionamentos pelos diferentes sujeitos que interagem nesses espaços-tempo (GUILHERME; REMENCHE; ROHLING, 2019, p.34).

Como foi exposto anteriormente, o corpus dessa pesquisa foi escolhido a partir da interação na rede social digital *facebook*, em uma de suas páginas intitulada Quebrando o Tabu. A postagem como já comentado problematiza a relação de ex-

ministros do governo federal em exercício de mandato. À época da postagem da página Quebrando o Tabu, os ex-ministros que figuram tanto na postagem, quanto na notícia publicada ao final dela, foram demitidos pelo atual presidente da república por divergirem da opinião dele. O caso mais grave foi o afastamento de Luiz Henrique Mandetta do Ministério da saúde, em plena pandemia provocada pelo vírus da COVID-19. A notícia a qual a postagem alude apresenta o seguinte título: “Mulher de Moro defende Mandetta e diz que, entre ciência e achismo, fica com a ciência”. A tabela abaixo ilustra os comentários motivados principalmente pela notícia.

**Tabela 1 - Comentários da Postagem no *facebook* da página Quebrando o Tabu**

Sentidos evocados pelos comentários	Enunciados
Inversão da realidade	C1- O fato de ele não concordar ou qualquer pessoa não significa que não o apoia mais 😞 o povo tem uma mania de distorcer as coisas né 😞😞
	C 2 Mas onde viram publicado que o presidente é contra o trabalho do ministro da saúde? Até agora não vi em lugar algum, a não ser na cabeça dos que querem promover o caos no país, até porque se não estivessem satisfeito com o trabalho do ministro já teriam trocado, agora como muitos insistem a opinião de quem quer que seja precisa ser especificamente contrária a do presidente pra receber aclamação, caso contrário, já sabem o resultado né ?
	C3 Ele é o ministro da saúde, então não está fazendo mais o que de sua obrigação profissional, e depois já se alinhou com Rodrigo Maia, Davi alcolumbre e dias tofolli, ou seja já mudou de lado.perdeu credibilidade.
	C4 Não é lucidez. É para apoiar a chance do marido se dar bem . Moro e Guedes, agora mais o Mandetta...vão dominar ...sob as bênçãos da Globo. Afinal, o golpe tem de ser finalizado...CIA cobra.

Posicionamento Político	C5 Mas quando o ex-juiz "achava", mas não tinha evidências para condenar alguém à prisão, ela (e o TRF4) não "ficou com o direito" mas com o achismo!!!! O que mudou???
	C6 Interessante, essa não deve ter sido a opinião dela quando condenaram o Presidente Lula por convicção. Lembra, disso? Condenar alguém por convicção ou achismo é a mesma coisa.
	C7 Só esqueceu de falar que o achismo chegou à Presidência da República com uma importante dose de ajuda do marido dela.
	C8 A bonita usou o Jargão que caracterizou a relação deturpada do ex juiz com STF, sem constrangimento, gerando uma marca registrada. Que bizarro!!
Disputa de classes	C9 Enquanto discutimos por políticos que só lembram que existimos em tempos de eleição pessoas estão morrendo nos hospitais, muitos profissionais de saúde estão doentes o melhor infectados. E o número aumenta cada dia mais, que o senhor tenha misericórdia de nós.
	C10 Mas não esqueçam q o Mandetta foi a favor do fim do SUS, e no momento não está fazendo mais do q a obrigação

Os comentários apresentados na tabela exemplificam os sentidos que evocam, ou seja, em sua materialidade, pois conforme Orlandi (2007, p.146) "a língua constitui o 'lugar material' em que se realizam os efeitos de sentido". Para esta análise foram elencados três efeitos de sentido, a saber, o de inversão da realidade, o de posicionamento político e o de disputa de classes.

Os comentários C1, C2, C3 e C4 evocam sobre si a distorção da realidade. Parece bem a cada um dos comentários, ao mesmo tempo que ideal, que o real da história seja negado, negligenciado, ignorado.

A postagem da página Quebrando o Tabu, bem como a notícia que a ilustra, ponderam que o presidente da república está perdendo o apoio de Rosângela e de Sergio Moro, ex-Ministro da justiça. Rosângela teria publicado o apoio ao Ministro da saúde,



que defendia o isolamento social, devido aos sérios riscos de contágio pelo Coronavírus em aglomerações. Como já mencionado, Rosângela Moro teria dito em uma postagem **“entre ciência e achismo, fica com a ciência”**.

O conteúdo do C1 aponta para a negação do que foi dito na postagem, na reportagem e por Rosângela Moro, **“o fato de ele não concordar ou qualquer pessoa não significa que não o apoia mais”**. Em seguida, desqualifica o que foi dito do seguinte modo **“o povo tem uma mania de distorcer as coisas né”**. Posiciona-se como se fosse “o povo”, ou seja, o autor da postagem e o redator da notícia, os que estivessem distorcendo a realidade e não o autor do comentário.

No C2 ocorre de igual modo que no C1, o movimento de ignorar o fato de que o presidente tem, sim, perdido apoio, segundo a postagem e a notícia mencionada. **“Mas onde viram publicado que o presidente é contra o trabalho do ministro da saúde?”** Argui o comentarista do C2, no intuito de dizer que é mentira o que foi dito. Ele vai além. Extrapola a possibilidade de negar, e passa a justificar como se fosse o detentor do verdadeiro conhecimento sobre a questão, ou seja, está tomado pela ilusão ideológica de que ele é a fonte do saber sobre o qual discorre.

*Até agora não vi em lugar algum, a não ser na cabeça dos que querem promover o caos no país, até porque se não estivessem satisfeitos com o trabalho do ministro já teriam trocado, agora como muitos insistem a opinião de quem quer que seja precisa ser especificamente contrária a do presidente pra receber aclamação, caso contrário, já sabem o resultado né? (C2).*

Ao mesmo tempo aparece no comentário outra forma de negar a realidade. A invenção de situações inexistentes. **“Até agora não vi em lugar algum, a não ser na cabeça dos que querem promover o caos no país”**. Conforme coloca, parece de fato haver um ou mais grupos interessados no caos do país, o que é improcedente, uma vez que o país inteiro estava começando a sofrer o flagelo da pandemia.

Nos comentários C3 e C4, os comentaristas introduzem informações que também visam inverter a realidade. No C3, uma aliança inexistente entre o ex-ministro da saúde, com os presidentes da Câmara, do Senado e do STF, respectivamente. **“e depois já se alinhou com Rodrigo Maia, Davi Alcolumbre e dias tofolli, ou seja já mudou de lado.perdeu credibilidade”**. Ao final, outra tentativa de distorcer o real da situação, a tentativa de desqualificar o ex-ministro, Mandetta, **perdeu credibilidade**, alegando uma falsa oposição ao presidente, por parte de Rodrigo Maia, David Alcolumbre e Dias Tofolli. Aqui há um claro objetivo de fragmentar a realidade e

promover um expurgo coletivo de Mandetta e seus pretensos aliados, uma vez que “tornaram-se” todos inimigos do presidente.

No C4, cria-se a possibilidade de um golpe, como se isso fosse uma verdade, ou algo que de fato pudesse preocupar a sociedade. *É para apoiar a chance do marido se dar bem. Moro e Guedes, agora mais o Mandetta...vão dominar sob as bênçãos da Globo. Afinal, o golpe tem de ser finalizado...CIA cobra.* Aqui no C4 o comentarista desloca o sentido para um corpo estranho, o golpe, que, ao mesmo tempo, passa a ser um referente, inconsciente. O medo de um novo golpe. Um golpe no presidente de afeição do autor do C4.

Os comentários C5, C6, C7 e C8 questionam o posicionamento político dos comentaristas. Evocam o passado histórico recente para narrar, uma vez mais, a imparcialidade que se fez ausência nos atos do ex-juiz. Todos os comentários mencionam, implicitamente, a conduta duvidosa do ex-ministro Sérgio Moro, quando era o juiz do caso do ex-presidente Lula. Na ocasião, o ex-ministro e ex-juiz teria dito que tinha convicções de que Lula era culpado, como se para isso não fosse necessário provas. No comentário C7 por exemplo, essa questão é levantada quando o comentarista diz "*Só esqueceu de falar que o achismo chegou à Presidência da República com uma importante dose de ajuda do marido dela*".

O C8 incide sobre a parcialidade do ex-juiz, quando do processo do ex-presidente Lula, ao questionar a postura de Rosângela Moro. "*A bonita usou o Jargão que caracterizou a relação deturpada do ex juiz com STF, sem constrangimento, gerando uma marca registrada. Que bizarro!!*" O comentarista observa o jargão jurídico, como marca do constrangimento, causado pelo ex-juiz em parcela significativa das pessoas deste país.

Por último, de modo bastante sucinto, os comentários C9, C10 e C11 marcam a separação dos sujeitos no espaço, ao mesmo tempo que chamam a atenção para a necessidade de questionar a naturalização do *status quo*; como se a discussão que está em curso fosse mais importante, natural e imutável, de modo que seja mais importante que as muitas vidas colocadas em risco pela pandemia da COVID-19. Enquanto uns discutem, muitos correm o risco de morrer de uma enfermidade para a qual não se tem a cura.

No C9, por exemplo, o comentarista separa em classes para chamar o interlocutor à realidade. E a realidade nesse sentido é a consciência de que é preciso

gastar o tempo com o que é pertinente; **"Enquanto discutimos por políticos que só lembram que existimos em tempos de eleição pessoas estão morrendo nos hospitais"**. Aqui o sujeito delimita duas situações, ou dois lugares, o do político que só aparece em época de campanha eleitoral, e o das pessoas que não são políticas, as que estão morrendo no hospital, as pessoas do cotidiano, que aparecem diuturnamente lotando os ônibus, os trens, os metrô nas grandes cidades.

Junto às pessoas do cotidiano, o comentarista no C9 coloca os profissionais de saúde, que trabalham dia e noite e se enquadram no grupo dos não-políticos. Para esses profissionais, o risco de morte é ainda maior, pois atuam nas linhas de frente no combate à pandemia, atendendo e cuidando de pacientes infectados pelo vírus. **"muitos profissionais de saúde estão doentes o melhor infectados"**. Além disso alerta: **"E o número aumenta cada dia mais, que o senhor tenha misericórdia de nós"**. Aqui ele se coloca no mesmo grupo que os demais, o dos não-políticos, o grupo dos que necessitam de apoio, de suporte para sobreviver ao momento inesperado instaurado pela pandemia.

No C10, o comentarista chama a atenção para um fato: **"C10 Mas não esqueçam q o Mandetta foi a favor do fim do SUS, e no momento não está fazendo mais do q a obrigação"**. Ele resgata uma memória importante para aqueles que estão no campo da disputa de classes. O ex-ministro Mandetta, quando era deputado, defendia o fim do SUS. Ao evocar a memória histórica dessa defesa do fim do SUS por parte de Mandetta, também marca uma posição, a de quem não está do lado de lá. A posição marcada aqui é em relação à necessidade que esse sujeito tem do SUS.

Ao entender, com Orlandi (2007), que a ideologia pode ser definida a partir do processo histórico-discursivo, por conseguinte como linguagem, a análise aqui empreendida encontra-se no imbricamento, nas confluências entre o sujeito histórico, o sujeito inconsciente e o sujeito ideológico. Nos comentários analisados, é possível identificar, sempre, a memória. Um passado histórico que é reavido no discurso para gerar os sentidos.

Quando no C2, por exemplo, o comentarista, ao inverter a realidade, negando o conteúdo do post, busca justificar inconscientemente num passado recente um motivo para seu posicionamento. **"Até agora não vi em lugar algum, a não ser na cabeça dos que querem promover o caos no país"**. Ao enunciar: **"na cabeça dos que querem promover o caos no país"**, o sujeito remonta a um passado não muito distante, o do

impeachment da presidenta Dilma, período em que discursos como esse foram proferidos repetidas vezes.

O mesmo ocorre, também, nos demais comentários. Há sempre uma memória, uma alusão implícita ou explícita a algum tipo de passado, basta uma leitura atenta dos comentários C5, C6, C7, C8, para que se encontre em cada um deles um elemento indicando um passado recente. Neste caso aquele em que o ex-juiz Sérgio Moro julgou o ex-Presidente Lula, não por provas, mas por convicções. São principalmente esses elementos que remetem ao fato histórico que contribuem para a formação de sentido, neste caso, no sentido que justifica o posicionamento político.

Nos comentários C9 e C10 essa ocorrência do resgate histórico pode ser notada "*Enquanto discutimos por políticos que só lembram que existimos em tempos de eleição pessoas estão morrendo nos hospitais*". **Nós discutimos - políticos que só lembram que existimos em tempos de eleição - pessoas estão morrendo.** Esses três fragmentos do enunciado do C9 deixam clara a questão da separação de classes, reforçando a ideia de que não deve discutir por políticos que só se lembram do povo em tempos de eleição. No C9 o verbo conjugado "esqueçam" antecedido por "não", conforme se pode observar "*Mas não esqueçam q o Mandetta foi a favor do fim do SUS*". faz um alerta para qual lado se deve pender.

Observados todos esses apontamentos construídos por meio desta análise, convém considerar que o ideológico, ou a ideologia não se dá, apenas, pelo fato de que o sujeito tenha ilusão, de ser ele mesmo a origem do sentido, mas/e também pelo fato de que o resgate de uma memória histórica, recente ou não, produz inconscientemente o que se pode nomear por ideologia. Nesse sentido, a ideologia não se constitui por meio de uma mera ilusão, ou crença, mas porque a exterioridade das marcas históricas permite que o sujeito conjugue em si o histórico e o inconsciente, para se completar com o ideológico. Assim, pode-se dizer que o discurso ideológico não se dá pela mera existência da ideologia, mas também pelo fato de que o histórico e o inconsciente se materializam na língua. Aquele que resolve seguir determinado discurso ideológico, o faz por encontrar nele elementos que o afetam. Tais elementos, ainda que componham o discurso ideológico são, também, exteriores a ele na medida em que afeta uns e a outros não.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dessa pesquisa buscou evidenciar como o surgimento das redes sociais digitais potencializou a produção dos discursos. Fomentadas pelos avanços das tecnologias nas últimas décadas, essas redes abriram espaços em que toda e qualquer pessoa pudesse se manifestar. O acesso à tecnologia tem ficado cada vez mais possível nessas primeiras décadas deste século. Aparelhos de celular permitem que um grande número de pessoas utilize ao menos uma rede social. Esses aparelhos estão, inclusive nas mãos das crianças.

Nesse contexto, postagens realizadas em redes sociais digitais motivam a produção dos mais variados tipos de comentários. O foco deste trabalho centrou-se na análise desses tipos de comentários. Partindo desse ponto principal, buscou-se apresentar os mecanismos que conforma a produção de sentido em comentários que apresentam algum teor ideológico. Os comentários foram interpretados de modo, que contextualizando-os é que foi possível uma melhor compreensão dos sentidos evocados por cada um deles.

Os comentários selecionados foram analisados, de acordo com os sentidos que evocam ao serem enunciados. Assim, foram identificados enunciados que apresentam sentido de a) inversão da realidade; b) posicionamento político e c) disputa de classes. A postagem da página Quebrando o Tabu, de onde os comentários analisados nesta pesquisa foram extraídos, contava com mais de mil e quinhentos comentários a maior parte deles evocando o sentido de inversão da realidade e o de posição política, seguidos pelo sentido de disputa entre classes sociais implicitamente marcado por um eles (políticos) e um nós (o povo).

A análise empreendida nesse trabalho evidenciou que os sujeitos interpelados pela postagem, que trazia ao final uma notícia envolvendo figuras emblemáticas e conflituosas em relação ao presidente da república, suscitou comentários, cujos sentidos mencionados no parágrafo anterior, marcam notoriamente o posicionamento do sujeito/comentarista em relação ao que foi/noticiado. Contudo, não apenas isso, mas também, como as exterioridades sócio-históricas e inconscientes estão imbricadas na produção de sentidos quando o sujeito se posiciona como sujeito ideológico por meio do

discurso, ou seja pela forma que enuncia e pelo conteúdo do que enuncia, evocando quase sempre elementos que transcendem os conteúdos estritos tanto da postagem como da notícia que ela carrega consigo.

Analisar o discurso, contextualizá-lo, apontar as lacunas existentes, tem se tornado cada vez mais necessário. É preciso considerar que a sociedade hodierna, em uso contínuo das redes sociais digitais, é uma sociedade em que tudo se compartilha. Os discursos motivados por postagem nas redes sociais podem esconder grandes perigos e gerar enganos que levam a erros, muitas vezes, irreversíveis.

Ao realizar uma postagem o sujeito do discurso está constantemente marcado pela alienação e pelo assujeitamento em relação a ideologia. Isso reflete no discurso que vai tecer. No caso dos comentários selecionados para este estudo, nota-se que, os discursos que se estão disseminando, por meio de compartilhamento, quase sempre, é veiculado anteriormente em algum outro grande meio de comunicação de massa. Ou seja, o sujeito encontra-se clivado por discursos e enuncia a partir de diversos espaços sociais e memórias discursivas, conforme a perspectiva da análise de discurso francesa. Na maioria das vezes esses discursos são fragmentados, descontextualizados e manipulados, o que tem se tornado cada vez mais comum nos grandes meios de comunicação de massa.

Com base nessas observações obtidas por meio dessa investigação, pode-se dizer que o ensino da dimensão discursiva da linguagem no componente curricular de Língua Portuguesa na escola constitui um forte aliado, para que este tipo de trabalho seja realizado com os alunos. É urgente compreender como se constroem os discursos e principalmente reconhecer aquilo que motiva o discurso ideológico. Reconhecer como se produzem os sentidos, a partir da tomada de determinada posição do sujeito, faz com que a escola promova a formação de cidadãos conscientes, capazes de lidar criticamente com os discursos ideológicos que circulam nas redes.

Fernandes (2018) considera importante que o ensino de língua portuguesa contribua para a construção do senso crítico. Em sua concepção, é por meio dos estudos que se dão o reconhecimento, a produção e o uso social da língua. Isso é o que torna pertinente a investigação dos movimentos do sentido do discurso nos meios de comunicação.

Nesse sentido entende-se que a sala de aula deve ser o lugar de fomento de discussões sobre as intenções que se sobressaem nos textos. É importante que análises

sejam realizadas em sala de aula para que se identifique junto aos alunos os discursos e as ideologias que carregam, como pode-se observar no caso dos comentários on-line, bem como perceber como os discursos em circulação social se materializam e se intensificam de tempos em tempos nas redes sociais digitais.

## REFERÊNCIAS

- AGUSTINI, C. L. H.; ARAUJO, E. D.; LEITE, J. D. Émile Benveniste - Uma letra que encarna a linguagem. *Entremeios: revista de estudos do discurso*, Pouso Alegre, v. 10, p.115-121, jan./jun.2015. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/232.pdf>> Acesso em: 27 de jun. 2020.
- AGUSTINI, Cármen; RODRIGUES, Eduardo Alves. O conceito de língua em/de Benveniste. In: *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. 41, n. jan.-jun., p. 9-30, 2018a. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao41/edicao41.html>>. Acesso em: 27 de jun. 2020.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise de discurso - 2\* ed. rev. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.*
- CASTELLS, Manoel. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CHAUÍ, Marilena, *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- DOMINGUES, Joelza Ester. “UBUNTU”, O QUE A ÁFRICA TEM A NOS ENSINAR. Blog: *Ensinar História - 2015*. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/ubuntu-o-que-a-africa-tem-a-nos-ensinar/> Acesso Abril/2020.
- FERNANDES, Alex Maciel. *A porta-voz da Casa-grande ou a reprodução do discurso ideológico dominante nos meios de comunicação de massa*. 2018. 30 f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.
- FERREIRA, M.C.L. O quadro atual da análise de discurso no Brasil. *Rev. do Programa de pós-graduação em Letras - UFSM*. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11896/7318>. Acesso em: Mai/2020.
- FERREIRA, M. C. L. Análise do Discurso e suas Interfaces o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organon*, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. Disponível em: <Disponível em: <http://bit.ly/2nAAUJs> >. Acesso em: 04 jul. 2020.



GONÇALVES, Elizabeth Moraes; SILVA, Marcelo da. A amplitude do diálogo nas redes sociais digitais: sentidos em construção. In: GOULART, Elias E (Org). Mídias sociais: uma contribuição de análise. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 85-105, 2014.

GRIGOLETTO, E. (2005). Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2., 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS.

GUILHERME, Maria Lígia Freire GUILHERME; REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; ROHLING, Nívea. Discursos sobre o uso do nome social de pessoas trans em comentários online: valoração e dialogismo. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 20(1). p. 33 de 52. Brasília, 2019. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/23313/22440> Acesso: 29 de jul 2020.

MENDES e SILVA, Maria Alice Siqueira. Sobre a Análise do Discurso. Revista de Psicologia da UNESP, 2005. Disponível: em: [http://ead.utfpr.edu.br/moodle3/pluginfile.php/57033/mod\\_book/chapter/7602/998-Texto%20do%20artigo-3120-1-1020180317.pdf](http://ead.utfpr.edu.br/moodle3/pluginfile.php/57033/mod_book/chapter/7602/998-Texto%20do%20artigo-3120-1-1020180317.pdf) Acesso: Jun. de 2020.

MINAYO, M. C.S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

Miranda, J., & Senra, L. (15 de set. de 2012). Aquisição e desenvolvimento da linguagem: contribuições de Piaget, Vygotsky e Maturana. O portal dos psicólogos, pp. 1-16.

ORLANDI, E. Do sentido na história e no simbólico. Escritos, Campinas, Laboratório de Estudos Urbanos, n.4, p.17-27, 1999.

ORLANDI, Eni P. Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5ª Edição, Campinas, SP> Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, E. P. EXTERIORIDADE E IDEOLOGIA. Cadernos de Estudos Lingüísticos, v. 30, 22 ago. 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios & procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso. São Paulo: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

RAMOS, Cesar Augusto. Aristóteles e o sentido político da comunidade ante o liberalismo. Kriterion: Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 55, n. 129, p. 61-77,

jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/kr/v55n129/04.pdf>>. Acesso em: 02 de mai. 2020.

REMENCHE, M. de L.; ROHLING, N. O horizonte valorativo em enunciados do gênero comentário online: uma escuta dialógica. Fórum Linguístico, Florianópolis, v.13, n.3, p.1460-1475, out. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2016v13n3p1460/32713>. Acesso em: 02 ago. 2020.

RÜDIGER, Francisco. As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: 2ª edição, Sulina, 2013.

SCHONS, Carme Regina; MITTMANN, Solange. A contradição e a (re)produção/transformação na e pela ideologia. O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras / Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira, Solange Miittman, organizadoras. 1ª edição. São Carlos: Claraluz, 2009. 464p.

SILVA, R. Linguagem e ideologia: embates teóricos. Linguagem em (Dis)curso, v. 9, n. 1, p. 157-180, 2009.

VAINFAS, R. et al. História: o mundo por um fio – do século XX ao XXI. v. 3. São Paulo: Saraiva, 2010.

VELLOSO, R. V. O ciberespaço como ágora eletrônica na sociedade contemporânea. Ciência da Informação, v. 37, n. 2, mar/ago. 2008.

VERMELHO S.C., VELHO A.P.M., BERTONCELLO V. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. Educ Pesqui. 2015;41(4):863-81.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Lugares de enunciação e discurso. Boletim Abralín, Belo Horizonte, v. 26, ed. especial, jan. 2001.